

MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO, NA ECONOMIA E NO TRABALHO: COMO AS EPIDEMIAS TRANSFORMAM O MUNDO

Coronavírus deverá provocar alterações no papel do Estado, de sistemas de saúde e em relações de trabalho

Marcelo Gonzatto

Mário Corso

Elói Martins Senhoras

Jean Segata

Alfredo Meneghetti Neto

Marília Veríssimo Veronese

Ainda é cedo para saber que estragos a onda de covid-19 fará em todo o planeta, mas a ocorrência de outras grandes epidemias ou pandemias ao longo da história deixa uma certeza: o mundo será um lugar diferente depois que a maré do coronavírus refluir.

Em séculos anteriores, a disseminação explosiva de doenças ajudou a abalar impérios e alterar modelos econômicos, redesenhou cidades e favoreceu mudanças de comportamento. A dimensão inédita da crise atual para uma geração inteira, segundo especialistas, deverá trazer consequências culturais e práticas, como a rediscussão do papel do Estado a fim de resgatar economias esfaceladas, a valorização de sistemas públicos de saúde e transformações no regime de trabalho — com estímulo ao desempenho de atividades à distância. A sociedade pós-pandêmica poderá apresentar mais restrições à circulação de pessoas entre fronteiras, mas também uma busca ainda maior por cooperação científica internacional.

Vai ser um choque no sentido de que, em países como o Brasil, as últimas gerações ficaram longe de guerras ou crises econômicas brutais. Os mais jovens não lembram nem de hiperinflação. Agora, viveremos a lógica do cisne negro, a de que o imponderável acontece — afirma o psicanalista Mário Corso, fazendo referência a uma crença consolidada de que só existiam cisnes brancos no mundo, antes de ser descoberta a variação de penas escuras.

Esses sustos, embora não tão frequentes, acompanham a humanidade há eras. Há indícios de que uma variante da bactéria da peste bubônica se alastrou há cerca de 5 mil anos, conforme um estudo de cientistas franceses, suecos e dinamarqueses publicado em 2018. O primeiro evento mais bem documentado mostrou o potencial que têm as pandemias: no ano de 165, a disseminação de uma doença que poderia ser a varíola desorganizou o Império Romano e contribuiu para, tempos depois, a desintegração de sua fração oriental. O trauma já provocado pelo novo coronavírus tem potencial para alterar mais uma vez o curso da história, embora seja precipitado dizer o quanto.

Essa pandemia se comporta como um choque que ocorre em uma conjuntura prévia da economia internacional de desaceleração econômica configurando, no atual momento, a emergência de uma tempestade perfeita, quando existe a conjugação de diferentes forças negativas — avalia o professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima Elói Martins Senhoras, autor do ensaio *Coronavírus e o Papel das Pandemias na História Humana*

O tamanho do estrago, segundo Senhoras, vai depender de como os governos atuarem para frear o vírus e os seus efeitos. No passado, a ocorrência de epidemias como a de febre amarela, no Brasil do século 19, levaram até a novas configurações nas cidades.

No Rio, Barata Ribeiro (*ex-prefeito*) derrubou cortiços no centro do Rio e refez a paisagem urbana. Pereira Passos deu continuidade e queria até derrubar morros e aterrar a baía de Guanabara por acreditar que eram fontes de contaminação — afirma o doutor em Antropologia Social e professor da UFRGS Jean Segata.

Hoje, como já existem condições de saneamento e conhecimento científico muito mais avançados, mudanças tendem a ser menos visíveis. Uma consequência provável, segundo Segata, será a intensificação de outro processo decorrente das epidemias: a união global de esforços na área da saúde.

A adoção de padrões comuns e a tentativa de produzir uma saúde global se deu a partir de epidemias. Quando determinadas pestes deixam de ser locais, o conhecimento também atravessa fronteiras — afirma o antropólogo, que também estuda epidemias.

Impactos econômicos também costumam ser consideráveis em emergências globais de saúde. O impacto da Peste Negra no século 14, quando eliminou um terço da população europeia, foi tão forte que favoreceu o fim do regime de servidão que vigorava sobre os camponeses. O cenário atual ainda é incerto, embora o Brasil já tenha reduzido a perspectiva de crescimento do PIB de mais de 2% para próximo de zero. Mas tudo indica que a necessidade de recuperação levará a uma rediscussão do papel do Estado como indutor do desenvolvimento.

Quem está comandando as ações são os governos nacionais, regionais e municipais. Acredito que essa crise trará um deslocamento forte (de protagonismo) para o Estado, que deverá ter um papel dominante e investir em políticas públicas para vencer esses efeitos negativos — analisa o economista Alfredo Meneghetti Neto.

Para a doutora em Psicologia Social e professora da Unisinos Marília Veríssimo Veronese, com atuação na área de Saúde Coletiva, isso resultará em uma obrigatória revalorização do SUS:

Essas epidemias expõem a necessidade de criar ou aperfeiçoar a institucionalidade da saúde pública.

Epidemias na história

Veja algumas das principais epidemias e pandemias que atingiram a humanidade, e o número de mortos que deixaram

Peste Antonina(165 – 180)

5 milhões

Contribuiu para desestabilizar o Império Romano, tamanho o impacto social e econômico, o que culminaria na desintegração da parte oriental. Pelas descrições dos sintomas da época, acredita-se que tenha sido causada pela varíola.

Praga de Justiniano (541-542)

30 a 50 milhões

Com origem na China e na Índia, a doença (provocada pelo bacilo da peste bubônica) enfraqueceu o Império Bizantino. Estima-se que 5 mil a 10 mil pessoas morreram por dia em Constantinopla, atual Istambul.

Varíola japonesa (735-737)

1 milhão

Disseminada por um maior intercâmbio entre o Japão e o continente, teria vitimado perto de um terço da população da ilha.

Peste Negra (1347-1351)

200 milhões

Considerada a pior pandemia já vista, só na Europa teria matado algo perto de um terço da população. A peste bubônica trouxe grandes alterações sociais e contribuiu para acabar com o sistema de servidão imposto aos camponeses à época. A prática de quarentena ganhou força como medida preventiva.

Varíola (1520)

56 milhões

A doença foi trazida à América pelos espanhóis e teve um impacto devastador sobre a população local. Outras epidemias se seguiram e tiveram consequências significativas no processo de conquista do continente.

Grandes pestes (Séc. 17 e 18)

3,6 milhões

Uma série de epidemias varreu cidades europeias ao longo de praticamente dois séculos, chamadas genericamente de “grandes pestes”.

Cólera (1817-1923)

1 milhão

A primeira pandemia se estendeu do Vale do Ganges (Índia) ao norte da África e outras regiões da Ásia. Os russos acabaram levando a doença para a Europa. Até 1923, a bactéria provocaria seis pandemias.

Terceira pandemia (1855)

12 milhões

Depois das pestes de Justiniano e Negra, uma terceira onda do bacilo da Peste Bubônica se espalhou da China para o mundo com a expansão do transporte marítimo (que substituiu barcos a vela por vapor).

Febre amarela (final séc. 19)

150 mil

O Brasil foi um dos países mais afetados pela doença, principalmente depois que um navio supostamente contaminado

chegou ao Rio em 1849. Cerca de 4 mil dos 266 mil habitantes da cidade teriam morrido, o que reforçou investimentos em políticas de higienização no país.

Gripe russa (1889-1890)

1,5 milhão

Teria começado no atual Uzbequistão e se espalhou por Europa, Ásia, África e América. No Brasil, o imperador D. Pedro II teria contraído o vírus H2N2.

Gripe espanhola (1918-1919)

50 milhões

Apesar do nome, sua origem é controversa. Sem tratamento, o H1N1 foi combatido com quarentenas, higiene e alívio dos sintomas. Inclusive no Brasil, cidades ficaram esvaziadas, e os necrotérios, lotados. Eleito presidente, Rodrigues Alves morreu antes de assumir o mandato.

Gripe asiática (1957-1958)

1 milhão a 4 milhões

Quatro décadas após o trauma provocado pela gripe espanhola, outro vírus influenza, o H2N2, voltou a provocar uma pandemia. Avançou do norte da China para Ásia, Oceania, África, Europa e EUA por terra e mar. A recorrência de infecções respiratórias criaria uma cultura de prevenção como uso de máscaras em países da Ásia.

Gripe de Hong Kong (1968-1970)

1 milhão a 4 milhões

A quarta pandemia de gripe desde o final do século 19 foi provocada por outra variante do vírus influenza, o H3N2. Transmitido por aves, foi mortal principalmente em Hong Kong, onde surgiu, e nos EUA. A maior integração por via aérea facilitou a disseminação.

HIV/Aids (1981- hoje)

32 milhões

Transmitido por alguns fluidos corporais como sangue ou sêmen, o HIV já provocou mais de 30 milhões de mortes e segue como uma ameaça apesar de avanços no tratamento. Segundo a OMS, 770 mil pessoas morreram por complicações da Aids em 2018. Provorou mudanças comportamentais do ponto de vista sexual e disseminação do uso de preservativos.

Gripe A (2009-2010)

100 mil a 400 mil

Embora a conta oficial preliminar fosse de 18,5 mil mortes, a OMS estima que o total de vítimas do H1N1 pode ter superado 100 mil. Pela primeira vez, uma vacina foi criada e distribuída ainda no primeiro ano de pandemia. Ampliou-se colaboração internacional no combate a epidemias e pandemias.

Ebola (2014-2016)

11,3 mil

A epidemia mais grave dessa doença já registrada teve início na África e se espalhou por países como Guiné, Libéria e Serra Leoa. Altamente letal, estima-se que provoque a morte de 50% dos infectados, em média.

Coronavírus (2019)

11 mil até sexta-feira (20 de março)

Surgida na China, a variação do coronavírus segue se alastrando em ritmo acelerado em todos os continentes. Países determinam restrições de circulação, aglomerações e funcionamento de escolas e comércio.

Fontes: OMS, CDC, Fórum Econômico Mundial, Encyclopedia Britannica, Agência Fiocruz

